

ANÁLISES ARQUEOMÉTRICAS DE CERÂMICAS E ARGILAS DO MÉDIO RIO DOCE-MG

Camila Jácome (*); Luiz Antônio Cruz Souza (**)

(*) Mestranda em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFMG

(**) Professor da Escola de Belas Artes da UFMG

Introdução

A cultura arqueológica Tupiguarani, presente na quase totalidade do litoral brasileiro nos últimos milênios antes da chegada dos europeus, encontra-se presente também no Médio rio Doce em Minas Gerais.

O sítio Florestal II situado na bacia do rio Doce (Itueta/MG) apresenta algumas peculiaridades de assentamento em relação aos sítios Tupiguarani do litoral. Nesse sentido, foi abordado segundo várias metodologias, uma delas apresentada aqui, da arqueometria.

Materiais e Métodos

No sítio Florestal II percebemos concentrações de vestígios cerâmicos que interpretamos como parte da tralha doméstica das habitações. Dentro dessas concentrações existem diferenças de forma e uso das vasilhas, por isso aplicamos testes físico-químicos para definirmos se havia diferenças na preparação das argilas. Realizamos coletas de argilas em locais próximos ao sítio com propósito de compará-las com as cerâmicas e tentarmos mapear as possíveis fontes utilizadas na pré-história.

Aplicamos Testes Microquímicos, Dispersão, Infravermelho por Transformada de Fourier (FTIR), Análise por Ativação Neutrônica (AAN) e Difração de Raios-X (DRX) nas cerâmicas arqueológicas e nas argilas coletadas.

Resultados

A proposta de utilizar as técnicas analíticas citadas era reconhecer possíveis diferenças de fontes de coletas nas vasilhas das várias concentrações. Dessa forma poderíamos pensar se havia uma mesma técnica partilhada entre os ceramistas da aldeia. Os resultados da AAN demonstraram não haver diferenças significativas entre as cerâmicas analisadas.

Também pretendíamos analisar se houve adição intencional de outros materiais na argila para evitar as quebras e rachaduras, os chamados elementos antiplásticos. Materiais considerados pelos arqueólogos (1) como antiplásticos típicos da cultura tupiguarani, principalmente o quartzo, foram encontrados em abundância tanto na cerâmica arqueológica como nas argilas coletadas.

Os resultados obtidos dos difratogramas de DRX da cerâmica e da argila demonstram que os argilominerais tanto em uma como em outra são muito semelhantes. Além disso, foi possível observar que a queima, com outros autores já haviam identificado (1), (2) foi de baixa temperatura.

Os resultados obtidos ainda estão em fase de tratamento, por isso apresentamos sucintamente resultados qualitativos das análises feitas.

Conclusões

O entrecruzamento dos dados obtidos pelas diferentes técnicas aplicadas no atual estágio da pesquisa não nos permite associar os pontos onde coletamos as argilas como fontes utilizadas na pré-história. No entanto, os resultados nos indicam que a coleta provavelmente era feita na região, não havia demanda para coletas em locais distantes.

As cerâmicas das diferentes concentrações (habitações) também não apresentaram diferenças significativas, o que nos leva a crer que os ceramistas usavam a mesma fonte de argila. Também não notamos diferenças de argilas entre as diversas formas de vasilhas, não parece haver uma escolha de argilas para determinadas formas.

Devido a enorme quantidade de quartzo identificada nas argilas e cerâmicas arqueológicas, acreditamos que este não fosse adicionado às argilas, mas as argilas escolhidas já apresentavam previamente os elementos para uma performance de secagem e queima desejáveis pelos artesãos pré-históricos. Isso fica mais evidente com os resultados das argilas da região. Os resultados corroboram para que possamos repensar criticamente determinadas classificações tipológicas aceitas e perpetuadas em pesquisas atuais.

Referências

- (1) LA SALVIA, Fernando, BROCHADO, José P. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 2ª edição, 1989.
- (2) ALVES, Márcia Angelina. *Análise cerâmica: estudo tecnotipológico*. (Tese: cerâmica pré-histórica) – FFLECH – USP, São Paulo, 1988.

E-Mails dos Autores

camjacome@click21.com.br

lsouza@eba.ufmg.br